

AMPLIANDO O CONCEITO DE SITUAÇÃO-LIMITE DE MARTÍN-BARÓ: DIÁLOGOS COM O CONCEITO DE CRISE

*UNDERSTANDING THE CONCEPT OF LIMIT-SITUATION:
DIALOGUES WITH THE CRISIS IDE*

Lucian Borges de Oliveira ¹ Ana Paula Gomes Moreira ² Raquel Souza Lobo Guzzo ³

Resumo

Este trabalho toma como fundamento a Psicologia Social da Libertação e pretende constituir-se com um estudo piloto ao propor a reflexão sobre os conceitos de crise e situação-limite discutidos, respectivamente, por Leonardo Boff e Ignacio Martín-Baró. Para isso, propomos a leitura de textos de cada um destes autores: Crise – oportunidade de crescimento de Leonardo Boff e Guerra y Trauma Psicosocial Del Niño Salvadoreño e Guerra y Salud Mental de Ignacio Martín-Baró. O confronto entre estas leituras tem o objetivo de explicitar as semelhanças e as divergências entre os conceitos de situação-limite e de crise a partir do paradigma da Libertação. Assim, propõe-se uma ampliação do conceito de situação-limite tratado por Martín-Baró para, com isso, sinalizar um avanço no sentido dos conceitos que surgem no interior desta concepção teórica para a Psicologia.

Palavras-chave: Crise; Situação-Limite; Psicologia Social da Libertação.

Abstract

This work presents a theoretical study based on the framework of Liberation Social Psychology. We aim to reflect about two main concepts: crisis and limit-situation within from the standpoint of Leonardo Boff and Ignacio Martín-Baró. For this, we propose a reflected reading of three important articles written by each of them: Crisis – growth opportunity from Leonardo Boff and War and Psychosocial Trauma of the child in El Salvador and War and Mental Health for Ignacio Martín-Baró. The reflected reading is a methodological perspective that aims to find the similarities and differences or possible matches between the crisis and limit-situation ideas within the Liberation Social Psychology paradigm. Thus, it is expected to share and help to better understand the practical possibilities arising from Social Liberation Psychology.

Keywords: Crisis, Limit-Situation, Social Liberation Psychology.

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Psicólogo. Bolsista de apoio técnico do grupo de pesquisa "Avaliação e Intervenção psicossocial: Prevenção, Comunidade e Libertação". E-mail: lucianborges@yahoo.com.br

² Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Doutoranda pelo programa de pós-graduação em psicologia da PUC-Campinas e membro do grupo "Avaliação e Intervenção psicossocial: Prevenção, Comunidade e Libertação". E-mail: anapaula.moreira@gmail.com

³ Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do programa de pós-graduação em psicologia da PUC-Campinas e líder do grupo de pesquisa "Avaliação e Intervenção psicossocial: Prevenção, Comunidade e Libertação". E-mail: rguzzo@mpc.com.br

INTRODUÇÃO

Tomamos a Psicologia Social da Libertação como um conjunto de proposições teóricas construídas a partir da prática que nos permite investigar os processos de desenvolvimento dos sujeitos na interface entre a Psicologia, a Educação e a Comunidade. Ao fazer isso, estamos resgatando a práxis como sentido da crítica e configurando nossas ações tomando como referência uma posição que priorize a libertação como horizonte prático, filosófico e político. Resgatar os autores que constroem suas propostas teóricas por meio desta posição implica desvelar novas possibilidades para a Psicologia na perspectiva libertadora. Nesse sentido, deve-se considerar as elaborações teóricas que não foram produzidas no interior da Psicologia, mas que são complementares a ela, agregando elementos importantes para uma discussão orientada pelos princípios da libertação. Guareschi (2011) explica bem essa afirmação: “A Teologia da Libertação inspirou-se muito, em sua elaboração, no livro do Êxodo, que narra à libertação do povo judeu do domínio dos Faraós. A construção teórica foi feita com base em uma história acontecida, de uma prática realizada” (p. 57).

O que nos interessa dessa afirmação é ver que o conceito de Libertação foi inspirado, a partir de experiência e prática concretas. Ele foi utilizado para significar um momento político real e uma situação da realidade latino-americana de opressão que, historicamente, tem impedido o homem latino-americano de ser pessoa em todos os sentidos (Goes, 2009).

A América Latina é marcada por um processo histórico de desconsideração, repressão e alienação do conhecimento produzido. Diante da situação de subdesenvolvimento e capitalismo dependente, a América Latina é colonizada em todas as dimensões, inclusive na do conhecimento, onde predominam os esquemas europeus e norte-americanos. Sendo assim, esses modelos não respondem à realidade e aos problemas do homem latino-americano

(Oliveira, Guzzo, Tizzei & Silva Neto, 2014). Nessa situação, concreta e objetiva, surge e se contextualiza o Paradigma da Libertação como movimento de crítica e proposta de construção de práticas políticas e profissionais que rompem com a condição de opressão e subjugação dos sujeitos.

O Paradigma da Libertação inspirou diferentes áreas, como por exemplo, a Teologia da Libertação que tem como seus principais expoentes Leonardo Boff (1981); a Filosofia da Libertação de Enrique Dussel (1995) e Ignacio Ellacuría (1996); a Educação Libertadora, muito bem representada por Paulo Freire (2000); a Sociologia de Orlando Fals Borda (1961); a literatura de Gabriel Garcia Márquez; a Economia, de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Falleto (1969) e, por fim, a Psicologia de Ignacio Martín-Baró (Santiago, 2007). O Paradigma da Libertação, portanto, inspira todas as áreas do conhecimento, apontadas anteriormente, como um conjunto de princípios e pressupostos caracterizado por aspectos epistemológicos, metodológicos e ontológicos específicos.

O aspecto epistemológico consiste na dimensão relacional como superação da dicotomia individual-social. Assim, passa-se a compreender a questão social, a partir de uma perspectiva relacional-social e não individualizante (Guareschi, 2011). Trata-se de assumir o enfoque dialético em contraposição aos reducionismos e às dicotomias (De La Corte, 2000). Sendo assim, sujeito e objeto ocupam a mesma posição, em uma relação dialética de influência mútua.

Outra dimensão epistemológica, segundo Guareschi (2011), é a imprescindibilidade da dimensão ética. Quando se fala em libertação, logo se remete a pergunta: libertar-se de que? Isto é, libertar-se de algo negativo, que nos prejudica ou prejudica os grupos (Guareschi, 2011), é libertar-se das condições de opressão, da realidade de injustiça, de dominação e de subdesenvolvimento, às quais estão submetidos os povos latino-americanos. Sendo assim, isso implica em determinada posição diante de uma concepção de mundo.

O próprio contexto histórico, no qual ressurge o conceito de Libertação, já se remete a uma opção ética. Esse contexto referiu-se à situação da América Latina de morte, de desespero, de subdesenvolvimento, de doenças, de mortalidade infantil, no qual havia uma situação de indignidade, que agride o ser humano (Guareschi, 2011). No ocidente, a partir da modernidade, desenvolveu-se uma ideia de que a ciência é neutra (Martín-Baró, 1998a, Martín-Baró 1998b). No entanto, toda ação tem um conteúdo ético, toda ação é uma ação ética (Guareschi, 2011).

As posições éticas se revelam em ações que acompanham o fluxo da maré ou remam contra ela, o que fica mais em evidência quando se opta por esse lado, mas as duas ações são éticas – manter a ordem ou transformá-la (Oliveira et al., 2014). Neste sentido, o Paradigma da Libertação propõe-se a balançar as estruturas (Osório, 2011), mexer nas relações de poder e de dominação, nas relações de opressão e, por fim, transformá-las, proporcionando, assim, a libertação aos povos que estavam e estão nessas condições.

Quanto ao aspecto metodológico, diante de uma relação com a realidade dinâmica e dialética, faz-se necessária uma metodologia que acompanhe o ritmo dessas transformações da realidade (Goes, 2009). Segundo Oliveira et al. (2014), “é imprescindível rechaçar a importação mecânica de conceitos e teorias formulados em outras sociedades diferentes das latino-americanas, isso leva a ignorar os problemas das maiorias populares. Examinar os problemas específicos do povo oprimido com marcos teóricos, a priori, limita a capacidade de compreensão de tal realidade” (p.12). Acerca disso, Martín-Baró acentua:

Que no sean los conceptos los que convoquen la realidad, sino la realidad la que busque a los conceptos; que no sean las teorías las que definan los problemas de nuestra situación, sino que sean esos problemas que los que reclamen y por así decirlo, elijan su propia teorización. (Martín-Baró 1998b, p. 314).

Finalmente, quanto ao aspecto ontológico, o paradigma da Libertação propõe um modelo de homem, de acordo com a realidade da América Latina, que, como trata Martín-Baró (1998a), é um sujeito agente da sua própria vida, responsável, tanto por seu próprio destino como pelos processos sociais dos quais participa, ou seja, um sujeito histórico.

A emergência da categoria Libertação exigiu mudanças em vários aspectos e introduziu novos elementos na constituição das ciências, que as identificaram como ciências, autenticamente, latino-americanas. Ciências que partem e se direcionam para a América Latina constituindo, assim, uma Escola da Libertação (Goes, 2009).

Apesar do grande leque de áreas do conhecimento que compõem o Paradigma da Libertação, no presente trabalho nos dedicaremos à Psicologia da Libertação de Ignacio Martín-Baró e, especificamente, nos debruçaremos sobre o conceito de “situação-limite” desenvolvido por ele. Como um estudo piloto de caráter teórico, pretendemos confrontá-lo com o conceito de crise elaborado por Leonardo Boff no interior da Teologia da Libertação.

Esta escolha justifica-se em razão do nosso interesse em contribuir com a elucidação de conceitos caros aos estudos sobre o desenvolvimento humano conduzidos pela Psicologia. Historicamente, concepções psicológicas debatem o conteúdo e o sentido do processo de desenvolvimento humano a partir dos limites ou crises que o circunstanciam. Estes debates, por vezes, dicotomizaram as compreensões sobre saúde e doença no interior da ciência psicológica (Poltzer, 1969; Jacoby, 1977).

Dadas às dimensões e objetivos do presente trabalho, abordar as minúcias deste debate foge ao nosso escopo. No entanto, ao mencioná-lo sinalizamos a direção do que pretendemos propor. Confrontando os conceitos de situação-limite e crise construídos no interior do Paradigma da Libertação, pretendemos ampliar os

seus sentidos epistemológicos, metodológicos e ontológicos para a fundamentação da prática do psicólogo em contextos diversos.

Por esta via, esperamos contribuir com a recuperação, para a Psicologia, de constructos teóricos oriundos do Paradigma da Libertação, podendo, assim, ampliar o conceito de situação-limite no interior da Psicologia e na perspectiva de Martín-Baró.

Do ponto de vista da Psicologia, essa recuperação não é algo usual, se considerarmos a histórica hegemonia e auto-suficiência da Psicologia (Parker, 2007). Todavia, resgatamos sua importância, reiterando sua contribuição para a elaboração do sentido da crítica, como a temos concebido nos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa com o recurso dos fundamentos alicerçados em Parker (2007) e Holzkamp (2013).

De modo mais específico, o desenvolvimento deste estudo também está alinhado com trabalhos que vem sendo desenvolvidos no interior do Grupo de Pesquisa acima mencionado. O trabalho de Moreira (2010) dedicou-se à reflexão do conceito de situação-limite na interface entre Psicologia e Educação. Seus resultados indicaram eventos e circunstâncias compreendidas pelos atores do cenário escolar como situações-limite para o desenvolvimento das crianças e a importância da ação do profissional de psicologia dentro deste cenário como promotor do desenvolvimento.

O USO DO CONCEITO DE “SITUAÇÃO-LIMITE” POR MARÍN-BARÓ

Como já explicitado anteriormente, este trabalho tem como objetivo a ampliação do conceito de “situação-limite”, proposto pela Psicologia da Libertação, de Ignacio Martín-Baró. Para que não haja nenhuma confusão, com algum conceito que tenha o mesmo nome, proposto por outras correntes da psicologia, faz-se necessário mostrar o percurso que deu origem a esse conceito.

Analisando as obras de Martín-Baró, encontramos este conceito em dois textos: *Guerra y Trauma Psicosocial del Niño Salvadoreño* (2000a) e *Guerra y Salud Mental* (2000b). O autor trabalha esse conceito, em seus textos remetendo-o ao trauma das crianças e à saúde mental das pessoas em situação de guerra, mas, especificamente, na situação da guerra civil pela qual El Salvador passava no momento de sua produção.

Para Martín-Baró o conceito de “situação-limite” refere-se a uma situação objetiva e histórica, que estabelece uma relação dialética com o sujeito e que, frente a essa situação resulta numa síntese. Essa resolução sintética pode ter resultados positivos ou negativos. A situação-limite a que Martín-Baró se reportava, especificamente, era a guerra, portanto, uma situação objetiva. Acerca disso o próprio autor afirma:

Aunque los investigadores no se han fijado mucho en posibles consecuencias positivas de la guerra para el desarrollo de las personas, es indudable que, como toda situación-limite, la guerra ofrecen a posibilidad de que algunas personas y aun grupos enteros desarrollen virtudes que, en otras circunstancias, no habrían surgido (Martín-Baró, 2000a, p. 239).

Apesar da situação de guerra em El Salvador forjar relações que eram traumáticas, e que, assim, relacionavam-se ao desenvolvimento de crises de ansiedade, crises de esquizofrenia, entre outras despotencializações (Martín-Baró, 2000b), elas também anunciavam possibilidades para o desenvolvimento de outras relações, como aponta Martín-Baró:

Pero es cierto que las situaciones generadas por la guerra ofrecen oportunidades para que las personas sequen lo mejor de si mismas con comportamientos altruistas hacia los demás, o que desarrollen virtudes solidarias, tan poco estimuladas por los valores del sistema dominante en tiempos de paz (Martín-Baró, 2000a, pp. 239).

Portanto, Martín-Baró traça uma tarefa aos psicólogos que se defrontam cotidianamente com “situações-limites” solicitando-os que, ao analisarem o efeito de uma “situação-limite”, não só prestem atenção às consequências nocivas para a saúde mental das pessoas, mas que, principalmente, verifiquem os recursos e possibilidades decorrentes das “situações-limites” (Martín-Baró, 2000b).

SOB QUAIS REFERÊNCIAS SE ERGUE O CONCEITO DE “SITUAÇÃO-LIMITE” NA PSICOLOGIA DA LIBERTAÇÃO?

Para forjar o conceito de “situação-limite” na Psicologia da Libertação, Martín-Baró parte do conceito de “situação-limite” empregado no âmbito da educação, por Paulo Freire, mais especificamente, em seu livro “Pedagogia do Oprimido”. Para Freire este conceito também tem um enfoque dialético, objetivo, histórico e uma resolução sintética. Apesar do uso, por este autor, se estabelecer no campo da educação, também tem os mesmos fundamentos. A situação objetiva a que Freire mais se remete como “situação-limite”, no livro “Pedagogia do Oprimido”, é a relação opressor-oprimido (Freire, 1970). Portanto, Freire considera a opressão uma “situação-limite” e que, assim, existe a possibilidade de superação desta situação por parte dos oprimidos. Acerca disso Freire aponta:

Esta é a razão pela qual não são as “situações-limites”, em si mesmas, geradoras de um clima de desesperança, mas a percepção que os homens tenham delas num dado momento histórico, como um freio a eles, como algo que eles não podem ultrapassar. No momento em que a percepção crítica se instaura, na ação mesma, se desenvolve um clima de esperança e confiança que leva os homens a empenhar-se na superação das “situações-limites” (Freire, 1970, pp. 51).

Por sua vez, para elaborar o conceito de situação-limite no campo da Educação, Freire toma como referência outro autor, o filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto. Consideramos que este último, apesar de trabalhar com o termo “situação-limite” na filosofia, é o primeiro a explorar as dimensões potenciais do conceito de “situação-limite”, em suas dimensões dialética, objetiva e histórica (Vieira Pinto, 1960).

Vieira Pinto faz uma inversão do conceito de “situação-limite” apontado pelo filósofo existencialista Karl Jaspers, para quem a “situação-limite” significa a barreira entre o “ser” e o “nada”, ou seja, seria a barreira entre a existência e o fim desta. Vieira Pinto (1960) diz que a concepção de Jaspers se remete à “precariedade do ser humano, exposto constantemente ao fracasso, à impossibilidade, ao sofrimento, à culpa, à morte, por motivo da finitude própria do existir” (p. 283). Portanto, Vieira Pinto é o primeiro a dar a conotação positiva ao conceito de “situação-limite”, caminho pelo qual percorreram Martín-Baró e Paulo Freire. O filósofo brasileiro diz que a “situação-limite” não é a fronteira entre o “ser” e o “nada”, mas sim a barreira (que deve ser ultrapassada) entre o “ser” e o “mais ser”. É, portanto, a situação que inaugura uma nova possibilidade de existência objetiva, histórica e dialética (Vieira Pinto, 1960). Para demonstrar a inversão materialista do conceito de “situação-limite”, feita por Vieira Pinto (1960), no âmbito da filosofia, segue o trecho abaixo:

Constitui-se socialmente uma “situação-limite” quando a comunidade, tangida pelo agravamento das condições reais de vida, que desenham o quadro do subdesenvolvimento, é levada à consciência de si e entre em violento conflito com o mundo material onde se acha. Sociologicamente, o que se deve definir como “situação-limite” não é o fracasso, mas sim o protesto (Vieira Pinto, 1970, pp. 284).

Feito o percurso do conceito de “situação-limite” forjado pela Psicologia da

Libertação por Martín-Baró, os objetivos desse trabalho tornam mais claro, pois propõem a consideração ampliada deste conceito para o campo da psicologia, a partir de uma contraposição ao conceito de “Crise” de Leonardo Boff. Pretendemos assim, estabelecer semelhanças e diferenças que possibilitem uma síntese entre essa confrontação.

OBJETIVOS

O objetivo, portanto, deste estudo é confrontar os conceitos de “situação-limite” e “crise”, a partir da perspectiva da Psicologia e da Teologia da Libertação, identificando possíveis relações, semelhanças ou divergências entre estes dois conceitos, que assim possibilitem a ampliação do conceito de situação-limite, dentro da psicologia e na perspectiva proposta por Ignacio Martín-Baró.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que, segundo Lima & Miotto (2007), constitui-se como um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas.

Este trabalho parte de uma leitura crítica das obras de Boff e Martín-Baró, especialmente as indicadas. Para estruturar os procedimentos de análise que garantissem o alcance dos objetivos almejados, utilizamos a metodologia construtivo-interpretativa, proposta por González-Rey (2013), que busca identificar unidades de sentido no conteúdo de textos escritos. Sinteticamente, esta metodologia deve cumprir os seguintes passos:

- 1) Seleção de textos ou documentos;
- 2) Leitura orientada por objetivos determinados;

- 3) Leitura destinada à demarcação dos trechos identificados como unidades de sentido, isto é, fragmentos que denotam a significação do que se busca;

- 4) Extração dos trechos selecionados;

- 5) Interpretação dos trechos selecionados.

Esta metodologia está sustentada pelos avanços e proposições construídos pela pesquisa qualitativa no interior das ciências sociais e prevê a utilização dos recursos da análise de conteúdo como ferramentas de identificação de sentidos ou interpretação de mensagens escritas.

No caso deste trabalho, em primeiro lugar, conduzimos uma primeira leitura orientada dos textos indicados e selecionados como nossos objetos de trabalho. Diferentemente de uma leitura aleatória, esta condução cumpre o papel de perscrutar as palavras que guardam os sentidos que buscamos: crise e situação-limite. Em seguida, conduzimos uma segunda leitura com o objetivo de selecionar e marcar os trechos que correspondiam às unidades de sentido. Depois de marcados, extraímos as unidades de sentido do texto original construindo, assim, um arquivo de informações depuradas que passaram a constituir nossa fonte organizada de análise. Esta organização está demonstrada em forma de tabela para facilitar a compreensão do leitor.

Organizamos três tabelas para demonstrar as unidades de sentido encontradas nos três textos que selecionamos para a realização do trabalho. Se considerarmos que o texto escrito por Leonardo Boff corresponde à exposição de fundamentos filosóficos oriundos do paradigma da Libertação, compreendemos que o seu conteúdo seja mais extenso do que as unidades de sentido selecionadas a partir dos textos de Martín-Baró, cuja elaboração constitui a exposição de princípios epistemológicos.

Deste modo, a organização das tabelas nos permitiu a construção do momento interpretativo da análise: a leitura confrontada do conteúdo das tabelas nos permite sinalizar as semelhanças e divergências entre as acepções de crise e limite no interior do Paradigma da Libertação. Guardados as limitações próprias deste que se pretende um estudo piloto, acreditamos que estes procedimentos de análise nos permitem tecer algumas considerações sobre o que anunciamos como imbricações entre os conceitos de crise e situação-limite.

Depois disso, foi verificado, a partir da confrontação dos sentidos, o que havia de divergente e convergente nas unidades de sentidos dos autores. Em seguida, elaborado uma síntese que amplia, ainda que timidamente, guardados os limites do presente trabalho, o conceito de situação-limite. Essa tarefa de cotejamento expressa um processo de abstração que, conduzido pela lógica dialética (Paulo Netto, 2011), contribua com o esclarecimento do significado do conceito de situação-limite para a atuação do psicólogo em espaços educativos e comunitários.

RESULTADOS

No texto “Crise – Oportunidade de crescimento” de Leonardo Boff, encontramos 105 referências à palavra crise. Em muitas delas, o sentido atribuído a palavra se repete ou se sobrepõe. Por isso, selecionamos as 15 referências que expressam a amplitude e variedade de sentidos conferidos à palavra pelo autor. Estes sentidos estão demonstrados na tabela 1. Já no texto “Guerra y Salud Mental” de Ignacio Martín-Baró, encontramos 4 referências à palavra situação-limite. E, finalmente, no texto “Guerra y trauma psicosocial del niño salvadoreño”, também escrito por Ignacio Martín-Baró, encontramos 1 referências à palavra situação-limite. Estas referências estão demonstradas nas tabelas 2 e 3 respectivamente.

DISCUSSÃO

Os fragmentos oriundos dos nossos esforços de análise demonstram que, ao mencionar as situações-limite, Martín-Baró as identifica como momentos críticos, eventos reais que constituem as condições e circunstâncias concretas nas quais as pessoas se desenvolvem e não como processos estanques considerados individualmente. Martín-Baró enfatiza, ainda, o sentido potencial das situações-limite como dimensões dialéticas que revelam a história e indicam as possibilidades para o desenvolvimento dos sujeitos e das comunidades.

Neste sentido, observamos a semelhança entre a concepção de limite para Martín-Baró e crise para Leonardo Boff. As situações-limite, assim, são concebidas como momentos críticos cujo potencial não está reduzido à possibilidade da patologia.

Percebe-se a partir dos trechos extraídos dos textos de ambos os autores que, para Martín-Baró, a situação-limite é um evento concreto e objetivo que está na realidade, aparentemente, externa ao sujeito ou grupo que com ela se depara, e estabelece uma relação dialética com ela. Já, para Leonardo Boff, o conceito de crise se apresenta mais no plano das ideias dos sujeitos, dos grupos ou instituições, porém sem abandonar a concretude e a materialidade dessas ideias.

O que se verifica tanto no conceito de crise quanto no de situação-limite é que ambos possuem um caráter dialético, objetivo, histórico e uma resolução sintética. Tanto um como o outro estão na direção que apontava Vieira Pinto (1960) ao criticar a concepção de situação-limite do filósofo existencialista Karl Jaspers. Para eles a situação-limite não é a barreira entre o “ser” e o “nada”, ou seja, o fio divisor entre uma condição real (a existência) e uma condição negativa de finitude de tal situação de existência (a morte).

Pelo contrário, para Boff e Martín-Baró, os conceitos de crise e situação-limite desempenham o papel, não de uma bar-

reira que levaria a uma condição pior, mas a inauguração de novas possibilidades, no sentido que Vieira Pinto (1960) apontava, a barreira entre o ser e o mais ser. A concepção de Jaspers, apresentada pelo filósofo brasileiro, se remeteria a “precariedade do ser exposto constantemente ao fracasso, à impossibilidade, ao sofrimento, à culpa, à morte, por motivo da finitude própria do existir” (p.283). É, neste sentido, que os conceitos de Boff e Martín-Baró se diferenciam do conceito do filósofo existencialista, nos trechos das tabelas 1, 2 e 3 fica clara essa distinção. Para os dois autores, os seus respectivos conceitos, carregam consigo a possibilidade de um salto de qualidade. Para Boff no sentido da realização da existência e das concepções do sujeito e para Martín-Baró um salto de qualidade no desenvolvimento humano. Ou seja, ambos representam um salto ontológico, uma mudança ontológica, mesmo que cada qual em seu sentido.

Outra semelhança que se pode verificar entre os conceitos dos dois autores é que os eventos críticos mencionados por Boff, ou as situações-limite anunciadas por Martín-Baró, envolvem alguns riscos. Para Boff, esses riscos estão mais ligados à realização da existência plena do ser humano. Já, para Martín-Baró, esses riscos se revelam como empecilhos ao desenvolvimento das pessoas e das comunidades, mantendo-os no status atual, na condição atual, impedindo o salto ontológico.

Essa condição é muito cara para a Psicologia que se pretende libertadora e que atua em espaços escolares e comunitários na perspectiva do desenvolvimento humano, pois, se trabalharmos com o conceito de situação-limite tal como apresentado, não mais lançaremos mão de um olhar nas limitações que as situações concretas oferecem ao desenvolvimento humano, mas sim na elaboração de atos para superá-las, com o horizonte das novas possibilidades que serão inauguradas.

Algumas diferenças são as condições em que os autores produziram seus conceitos e a questão do plano científico e

filosófico. Pois, Martín-Baró produziu seu conceito em uma situação de guerra civil dentro do campo da ciência. Boff se dedicou ao campo da filosofia e teologia, em circunstâncias diferentes da do primeiro autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que o presente trabalho, mesmo se tratando de um estudo piloto e reconhecendo a grandeza dos seus limites, apontou às semelhanças e diferenças entre os conceitos de “crise” e “situação-limite” de Leonardo Boff e Martín-Baró respectivamente. Sendo assim, percebeu-se que o conceito de Boff é tratado por ele de forma filosófica. Remete-se ao plano da realização da existência plena dos indivíduos, principalmente, nas dimensões que dizem respeito aos valores, crenças e sentido da existência para os indivíduos. Já, no conceito de Martín-Baró, situação-limite é um evento concreto e objetivo que está na realidade, aparentemente, externa ao sujeito ou grupo que com ela se depara e estabelece uma relação dialética com ela e é tratado, pelo autor, no âmbito científico da psicologia que estuda o desenvolvimento das pessoas e das comunidades.

Apesar das diferenças entre os conceitos, pôde-se perceber que ambos, cada um em seu âmbito, não significam uma barreira que impede o indivíduo de dar novos passos, mas sim uma dimensão que inaugura uma série de novas possibilidades. Na verdade, a dimensão filosófica ilumina e fundamenta a construção de uma categoria cuja fonte é a prática cotidiana do mesmo modo que a ação cotidiana reconstitui ou explicita novos sentidos para princípios filosóficos.

Diante disso, esta primeira tentativa de elucidação teórica que construímos, visa anunciar uma outra possibilidade de organização da prática cotidiana para os psicólogos que estão inseridos em espaços educativos e comunitários. Esta prática re-

vela o fundamento materialista e explicita o seu compromisso com a emancipação dos indivíduos frente às diferentes formas de opressão, com as quais, por vezes, a ciência psicológica está envolvida.

REFERÊNCIAS

- Boff, L. (2002). *Crise: Oportunidade de crescimento*. São Paulo: Verus.
- Boff, L. (1981). *O caminhar da igreja com os oprimidos - Do vale das lágrimas à terra prometida*. Rio de Janeiro: Codecri.
- Cardoso, F. H. & Fallete, E. (1969). *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*, Editora México.
- De La Corte, I. (2000). La Psicología de Ignacio Martín-Baró como psicología Social Crítica. Una presentación de su obra. *Revista de Psicología Geral y Aplicada*. 53(3) 437- 450.
- Dussel, E. (1995). *Filosofia da Libertação: Crítica à Ideologia da Exclusão*. São Paulo: Editora Paulus. (2a ed.).
- Ellacuría, I. (1996). *Escritos filosóficos. Tomo I (escritos de juventud, de 1956 a 1968)*. San Salvador, El Salvador: UCA editores.
- Freire, P. (2000) *Educação como prática da liberdade*. Paz e Terra; 2000
- Freire, P (1970) *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Fals Borda, O. (1961) *La transformación de América Latina y sus implicaciones sociales y económicas*, Bogotá, Universidad Nacional, Facultad de Sociología.
- Goes, N. A. (2009). *A psicologia comunitária enquanto práxis libertadora no contexto da América Latina. (Monografia não-publicada)*. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- González Rey, F. L. (2013) *O que oculta o silêncio epistemológico da Psicologia? Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 8(1) São João Del - Rei.
- Guareschi, P. (2011). Pressupostos epistemológicos implícitos no conceito de libertação. In: R. S. L. Guzzo & F. Lacerda Jr, (Orgs). *Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação* (pp. 49-63). Campinas, SP: Editora Alínea.
- Holzkamp, K. (2013) *Basics Concepts of Critical Psychology*. In: E. Schraube U. Osterkamp, (Orgs) *Psychology from the Standpoint of the Subject: Selected Writings of Klaus Holzkamp*.
- Jacoby, R. (1977). *Amnésia Social*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lima, T. C. S. e Mioto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katál*. 10 (esp), 37-45.
- Lima, T. C. S. & Mioto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katál*. 10, 37-45.
- Martín- Baró, I. (1996). O papel do Psicólogo. *Estudos de Psicologia*, 2(1): 7- 27.
- Martín-Baró, I. (1998a). *Hacia una psicología de la liberación* . Boletín In A. Blanco (Org.), *Psicología de la Liberación* (pp.283-302). Madrid: Editorial Trotta.
- Martín-Baró, I. (1998b) *La liberación como horizonte de la psicología*. In A. Blanco (Org.), *Psicología de la Liberación* (pp. 303-341). Madrid: Editorial Trotta.
- Martín- Baró, I. (2000a). *Guerra y trauma psicosocial del niño salvadoreño*. In: I. Martín-Baró (Org.). *Psicología social de la guerra: trauma y terapia*. (pp. 234 - 249). San Salvador: UCA Editores.
- Martín- Baró, I. (2000b). *Guerra y salud mental*. In: I. Martín-Baró (Org.). *Psicología social de la guerra: trauma y terapia*. (pp. 24 - 40). San Salvador: UCA Editores.
- Moreira, A. P. G. (2010). *Situação-Limite na Educação Infantil: Contradições e possibilidades de intervenção*. (Dissertação de Mestrado não-publicada). Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

Oliveira, L. B., Guzzo, R. S. L, Tizzei, R. P. & Silva Neto, Walter Mariano de Faria (2014). Vida e a Obra de Ignacio Martín-Baró e o Paradigma da Libertação. Revista Latinoamericana de Psicología Social Ignacio Martín-Baró. 3(1), 205-230.

Osório, J. M. F. (2011). Ética e construção social da libertação latino-americana. In R. S. L. Guzzo & F. Lacerda Jr. (orgs). Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação. Campinas: Editora Alínea.

Parker, I. (2007). Critical Psychology: What it is and what it is not. Social and personality psychology compass, 1 (1), 1 - 15.

Paulo Netto, J. (2011). Introdução ao estudo do método de Marx. São Paulo: Expressão Popular.

Politzer, G. (1969). Critica de los fundamentos de la Psicología. Barcelona: Ediciones Martínez Roca.

Santiago, Gabriel L.(2007) Filosofia da Libertação. Filosofia Ciência & Vida, São Paulo, 1(14) p. 38-49.

Vieira Pinto, A. (1960). Consciência e Realidade Nacional. Rio de Janeiro: IS

Recebido em 22 de março de 2014.

Aprovado para publicação em 20 de abril de 2014.

Tabela 1: Trechos contendo a palavra crise no livro de Leonardo Boff

1	Pag. 11	“[...] a crise, por certo, contém muitos riscos, mas também muitas oportunidades, porque ela sempre acrisola, purifica e liberta o núcleo de verdade presente nas práticas humanas em crise.”
2	Pag. 19	“Vivemos hoje uma situação generalizada de crise [...]. Muitos a lamentam e veem nela um elemento corrosivo dos fundamentos da esperança humana. Outros a saúdam como a ruptura necessária para a abertura libertadora de um horizonte mais vasto, mais cheio de vida e de vivência de sentido.”
3	Pag. 19	“É próprio do tempo de crise o questionamento dos fundamentos. Própria também do tempo de crise é a sensação de algo que vai morrer, se corromper e se diluir. Não menos típica é a impressão de libertação, de alívio e de arrancada feliz para uma solução mais integradora de todos os elementos da vida.”
4	Pag. 19	Nos momentos de crise vive-se com especial intensidade o <i>kairós</i> (momento oportuno), onde o essencial comparece com mais clarividência. Todo accidental, derivado, meramente histórico-cultural e periférico, empalidece em sua consistência e validade. Busca-se o cerne do problema, que nos possa alimentar e assim superar a crise. Daí as paixões as tensões que se verificam no tempo de crise. A dramaticidade, o desafio, o perigo. Mas também a chance de vida nova num outro nível e dentro de um horizonte mais aberto.”
5	Pag. 25	“Um doente, por exemplo, quando a crise passou, entre “não raras vezes num eufórico estado de ânimo, do qual ele pouco ou nada percebe, mas que chama a atenção dos circunstantes.” Um depoimento do célebre médico Plügg, que estudou especialmente as crises de ordem biológica, refere: “Depois do ataque, sinto-me totalmente transformado. E posso me agitar e movimentar-me interiormente de maneira a mim incompreensível. (...) tudo é novo.””
6	Pag. 26	“Se ficar na ambiguidade, prolonga e ilude a crise. A novidade não surge, porque não houve ruptura e nem descontinuidade. Passar por uma crise é experimentar que significa morrer e renascer. Mas, superada a crise, irrompe um foco de forças novas que capacitam e suportam tudo.”
7	Pag. 27	“Depois de qualquer crise, seja corporal, psíquica, moral, seja interior e religiosa, o ser humano sai purificado, libertando forças para uma vida mais vigorosa e cheia de renovado sentido.”
8	Pag. 27 e 28	“Todo processo de purificação implica ruptura, divisão e descontinuidade: eis outro sentido que pode ser dado a palavra crise. Por isso esse processo é também doloroso e assume aspectos dramáticos. Mas é nessa convulsão que se catalisam as forças e se acrisolam os valores contidos na situação de crise.”
9	Pag. 29	“Crise, portanto, é uma descontinuidade e uma perturbação dentro da normalidade da vida, provocada pelo esgotamento das possibilidades de crescimento de um arranjo existencial.”
10	Pag. 31	“a morte constitui a maior das crises humanas. [...]. A morte-crise é a passagem dramática para essa nova vida. A situação normal do ser humano, pois, se define entre crise e a superação da crise.”
11	Pag. 48 e 49	“Mas crise que quer ser sadia: colocar o ser humano diante de um processo de purificação, de ruptura libertadora e de decisão para um sentido radical.”
12	Pag. 55	“Há momentos na vida em que, para subir, se faz necessário descer e entrar em crise. E, para permanecer o mesmo, precisa-se mudar. Porém, se compreendermos que a crise é o nicho generoso onde se prepara o amanhã melhor e a penumbra que antecede o nascer do sol ai ficamos firmes, aceitando o desafio [...]”
13	Pag. 69	“quando nos referíamos a crise: ordem, desordem, interação, nova ordem, nova desordem. novamente interação e assim sempre.”
14	Pag. 70	“num certo momento, passa por um processo de crise, de desordem e caos. Essa crise, desordem e caos produzem interações novas e por isso são sempre purificadores e generativos. E com fruto da teia de interações, reciprocidades e comunhões, emerge uma nova ordem que, por sua vez, vai seguir a mesma trajetória de crise, desordem, interações e nova ordem.”
15	Pag. 164	“As crises da vida nos preparam para isso. Já o referimos anteriormente, crise significa, no seu sentido originário em sânscrito, purificação e acrisolamento. As crises da vida não nos colocam apenas em fossas existenciais, mas também são oportunidade de acrisolamento do nosso cerne que está coberto, não raro, por tanta ganga, interesses feitos, apegos terrenos.”

Tabela 2: Trechos contendo a palavra *situação-límite* no texto “Guerra y Salud Mental” de Ignacio Martín-Baró

1	Pag. 24	“Em médio los rigores de una grave guerra civil, cuando se acumulan problemas de desempleo masivo, prolongadas hambrunas, desplazamiento de cientos de Miles de personas y hasta laaniquilación de poblaciones enteras, podría parecer una frivolidad el dedicar tiempo y esfuerzo a reflexionar sobre la salud mental. Frente a una “situación límite” como la que se vive em El Salvador, cuando la miesma viabilidad y supervivencia históricas de um pueblo están em cuestión, resultaría casi um sarcasmo de aristocracia decadente consagrarse a discutir sobre el bienestar psicológico.”
2	Pag. 35	“Aunque parezca paradójico, no todos los efectos de la guerra son negativos. Repetidas veces se há podido verificar que los períodos de crisis social desencadenan reacciones favorables em ciertos sectores de la población; enfrentados a “situaciones límites”, hay quienes sacan a relucir recursos de los que ni ellos mismos eran conscientes o se replantean su existencia de cara a um horizonte nuevo, más realista y humanizador.”
3	Pag. 36	“Sabemos de no pocos salvadoreños a los que el cataclismo de la guerra loa há llevado a enfrentarse com el sentido de su propia existencia y a cambiar su horizonte vital. Es indudable también que muchos campesinos y marginados por el sistema social esta em crisis les há ofrecido la oportunidad de romper las amarras de su enajenamiento sumiso, de su fatalismo y dependencia existencial, aunque la liberación de la servideumbre impuesta y mantida (Fanon, 1963). Es esencial, por tanto, que al analizar los efectos de la guerra no sólo prestemos atención a las consecuencias nocivas para la salud mental, sino también a aquellos recursos y opciones nuevas que hyan podido aflorar frente a la situación límite.”

Tabela 3: Trecho contendo a palabra *situación-límite* no texto “Guerra y trauma psicosocial del niño salvadoreño” de Ignacio Martín-Baró

1	Pag. 239	“Aunque los investigadores no se han fijado mucho em posibles consecuencias positivas de la guerra para el desarrollo de las personas, es inudable que, como toda “situación límite” la guerra ofereça la posibilidad de que algunas personas y aun grupos enteros desarrollen virtudes que, em otras circunstancias, no habrían surgido. [...] pero es cierto que las situaciones generadas por la guerra ofrecen oportunidades párea las personas saquen lo mejor de si mesmas com comportamientos altruistas hacia los demás, o que desarrollen virtudes solidarias, tan poco estimuladas por los valores del sistema dominante em tiempos de paz.”
---	----------	--